



NOTICÍAS DO EHAIA



Boletim Informativo da Iniciativa Ecumênica VIH/SIDA na África

No. 4

Januário 2004

Educação Teológica e a luta contra VIH/SIDA

Musa W. Dube é professora de Novo Testamento e consultora teológica para EHAIA em tempo parcial.

Nos vinte anos de luta contra VIH/SIDA, tornou-se evidente cada vez mais que a educação teológica é central para um verdadeiro envolvimento das organizações de base religiosa (OBRs). Como pessoa que está ativamente envolvida no desenvolvimento do potencial das igrejas e instituições teológicas na África, nesta área, não pretendo dar respostas absolutas e finais, mas compartilhar algumas idéias nas seguintes áreas:

- Razões para incluir a educação teológica na luta contra VIH/SIDA.
- Proponentes da reflexão teológica sobre VIH/SIDA.
- Características de uma teologia da VIH/SIDA.
- Metodologia de ensino da teologia, sobre VIH/SIDA.
- O projeto da EHAIA e educação teológica
- Alguns desafios.

I. Porque Incluir a Educação Teológica na Luta Contra VIH/SIDA

A epidemia de VIH/SIDA colocou em evidência as limitações do conhecimento humano atual, das estruturas e instituições, o que exige uma busca muito mais intensa de melhores maneiras de enfrentar a epidemia. Não foi só o conhecimento médico-científico que foi desafiado e revelado limitado. De fato, todas as instituições e atividades humanas foram testadas, frente a uma nova doença, que resultou ser altamente infecciosa, incurável e, em grande parte, terminal. As estruturas e instituições culturais, sociais, políticas e econômicas, e seus respectivos caudais de conhe-

cimento, foram atingidos e demonstraram ser limitados e limitantes. Nem os indivíduos, nem as famílias, nem as comunidades, nem países e nem continentes foram poupados. As pessoas foram atingidas mentalmente, espiritualmente, fisicamente, socialmente e economicamente. O pior é que, a epidemia VIH/SIDA fomenta o estigma e a discriminação, e floresce na injustiça social, portanto, expondo aqueles membros da sociedade, mais marginalizados, a uma vulnerabilidade ainda maior.

De modo similar, as áreas da espiritualidade e da fé, foram desafiadas. Os atingidos e as pessoas que vivem com VIH/SIDA (PVCVS), começaram a perguntar: Deus permite este sofrimento? Deus escuta nosso clamor por cura? Deus pode curar-nos? De onde veio esta epidemia? Foi Deus quem enviou esta epidemia? Deus se preocupa com PVCHA e suas famílias? As OBRs foram desafiadas a responder novas questões teológicas, mas não estavam, necessariamente, preparadas para lidar com elas, de forma adequada. Uma primeira resposta, no entanto, associou a epidemia com castigo de Deus e imoralidade. Em alguns casos a resposta foi indiferença, silêncio, condenação e inadequação para agir ou falar. As estruturas e instituições das OBRs, e parte de seus ensinamentos, acrescentaram à vulnerabilidade de alguns grupos, como as mulheres, crianças e pessoas de diferentes orientações sexuais. É mais, muitos vêem a resposta dos líderes religiosos à VIH/SIDA, restringida e restrita ao marco da moralidade sexual, com ênfase na responsabilidade individual, sem perceber o fato que esta epidemia funciona por meio de injustiça social. Lamentavelmente, este ponto de vista relaciona as PVCHA e os membros mais vulneráveis da sociedade, com imoralidade e incentiva o estigma. Muitos líderes religiosos ficaram e estão fechados num debate lamentável, polêmico, delicado e, devo dizer, sem sentido, sobre o uso da camisinha.

É claro que, uma contribuição eficaz das OBRs, na luta contra VIH/SIDA, ainda requer um novo enfoque e uma nova reflexão teológica, de modo que responda as questões citadas acima e que possa provocar mudanças das comunidades eclesiais, saindo do silêncio, da indiferença, da condenação e da visão estreita e restrita à moralidade sexual, e adotem uma teologia e atos de compaixão, graça, justiça e vida. Para que as OBRs tenham um verdadeiro envolvimento na luta contra VIH/SIDA, são necessárias uma reeducação e reflexão teológica: quem é Deus e onde está Deus nesta epidemia? Qual é a Cristologia apropriada? Como devemos reler as Escrituras? Como vamos fazer Missão? O que é ético e como deveríamos mensurá-lo? Como vamos lidar com a injustiça social? Como cuidamos dos atingidos e como lidamos com as causas do VIH/SIDA? O que significa ser Humano, na era do VIH/SIDA?

II. Proponentes da Reflexão Teológica sobre VIH/SIDA.

Mas, quem deveria estar fazendo reeducação e reflexão teológica sobre VIH/SIDA? Seriam os educadores teológicos, os líderes religiosos, as comunidades de fé, os PVCHA, as suas famílias ou as pessoas diretamente atingidas? A resposta é, todos os mencionados e mais ainda. O VIH/SIDA é uma crise global, já infestou mais de 40 milhões de pessoas, já custou 22 milhões de vidas e deixou 15 milhões de crianças órfãs, no mundo todo. Considerando que: funciona através da pobreza, das desigualdades de gênero, do racismo, da violação dos direitos humanos, do abuso infantil, de guerras civis, da injustiça do mercado internacional, do estigma e da discriminação ética e sexual, a educação e reflexão teológica deveria acontecer nos níveis local, nacional e global. Deveria acontecer no nível familiar, eclesial, comunitário e das instituições teológicas.

Metodologicamente, tal educação teológica deveria funcionar em estreita ligação com as PVCVS, como agentes na luta contra VIH/SIDA. Também deveria funcionar com aqueles grupos mais vulneráveis, tais como, os pobres, as mulheres, as crianças, os jovens, os negros e os homossexuais, para propor uma teologia da vida, da compaixão, da graça e da justiça. Deveria capacitar tanto a indivíduos, como a líderes e comunidades religiosas, a encarar as suas perspectivas atuais e estar dispostos a aprender de novo. Uma teologia da luta contra VIH/SIDA deve nascer no seio das comunidades que estão dispostas a aprender novamente, a pensar de maneira diferente, a pesquisar consistentemente e aplicar as estratégias teológicas mais eficazes,

para contra-atacar todas as faces da epidemia VIH/SIDA. Tem que ser contextualizada, socialmente e efetivamente informada, não somente pelo que possa funcionar, mas pelo que de fato, funciona. Deverá ser uma teologia da libertação e que possibilite as comunidades a trabalhar pela mesma.

III. Características da Teologia Sobre VIH/SIDA

Quais deveriam ser as características de uma teologia sobre VIH/SIDA? Deveria procurar capacitar as comunidades religiosas para, efetivamente, contra-atacar a propagação da infestação; providenciar atendimento de qualidade; contra-atacar o estigma e a discriminação; lutar pelo acesso a tratamento, a um custo adequado, de tal maneira, que reduza o impacto da epidemia. Sendo que a epidemia custa muitas vidas, continua sendo incurável, fomenta a discriminação e o estigma, e funciona por meio da perversidade social, esta teologia deve procurar a sacralidade da vida, da cura, da compaixão, da profecia e da justiça. Tem que ser uma teologia sensível às questões de gênero e de classe. Tem que ser uma teologia que engaja e que capacita as PVCVS, as comunidades atingidas, os líderes e comunidades religiosas, para agirem em solidariedade e serviço na criação de Deus. Sendo que os líderes religiosos, freqüentemente, tem estado em silêncio, indiferentes, e incapacitados de discutir questões sexuais, tem que ser uma teologia que quebra o silêncio, que discuta sexualidade abertamente, e que impulsiona a comunidade para a ação correta. Tem que ser, ao mesmo tempo, uma teologia que salienta a dignidade humana de todos, e que capacita a todos os indivíduos, a viver a sua humanidade plena, na sociedade e nas suas comunidades.

IV. Metodologia de ensino da teologia, sobre VIH/SIDA.

Como deveria ser a metodologia de uma teologia, da luta contra VIH/SIDA? O espaço e o modo de ensino tem que ser diversificados. Tem que ser litúrgico (em orações, canções, sermões, ritos de adoração), permitindo assim, que as comunidades confessem abertamente e de maneira corporativa, os seus fracassos, que possam re-imaginar novos relacionamentos, quebrar o silêncio e o estigma, assim como criar espaços e comunidades de fé, que sejam transformadas, terapêuticas, acolhedoras e ativas, no que se refere a VIH/SIDA. Tem que ser uma teologia que é passada nas palavras dos testemunhos das PVCVS, em sermões, artigos e orações. Deve considerar grupos específicos: proposta e executada entre as PVCVS, grupos de

mulheres, grupos de jovens, grupos de homens e reuniões de líderes religiosos. Deve ser divulgada em cartazes, murais, trabalhos de arte, vídeos, filmes, dramas, danças e histórias. Deve ser, ao mesmo tempo, uma teologia que é discutida, proposta e divulgada no meio acadêmico das instituições teológicas; em bons trabalhos de pesquisa, publicações e conferências teológicas, para treinar estudantes e ministros, pedagogicamente equipados para servir no selvagem mundo do VIH/SIDA. Esta metodologia exige um tipo de teólogo socialmente comprometido, que faz teologia com seus estudantes ou colegas, e também com as pessoas atingidas e as comunidades infestadas. Claramente esta metodologia exige criatividade, uma grande interação e diálogo com diferentes grupos e perspectivas.

V. A Contribuição da EHAIA na Educação Teológica sobre VIH/SIDA.

Para este fim, a EHAIA (Ecumenical VIH/SIDA Initiative in Africa) tem um programa de Treinamento Teológico. O programa está orientado para treinar professores de teologia nas tendências atuais sobre VIH/SIDA; treinar líderes da igreja na teologia da compaixão, questões de gênero e na produção de literatura relevante (veja bibliografia). Até agora, pelo menos 468 professores de teologia de todo continente africano, foram treinados; 110 líderes das igrejas da África Central e do Sul foram treinados numa teologia da compaixão e questões de gênero. Literatura relevante foi produzida para dar subsídios a professores de teologia e líderes das igrejas, num marco teológico pertinente.

VI. Alguns Desafios.

A educação teológica na luta contra VIH/SIDA levanta inúmeros desafios. Primeiro é importante reconhecer o valor do aprendizado: aprender sobre os fatos relativos a VIH/SIDA; aprender a responder novas perguntas de novas maneiras, e não só, simplesmente, reproduzir velhas respostas que não, necessariamente, são eficazes no combate a VIH/SIDA; aprender a falar aberta e positivamente sobre a sexualidade humana. Segundo, a nível estrutural, os conselhos de governo da igreja, devem assegurar que tenham políticas relevantes que resultem numa maneira de pensar e de agir corretas; que vejam as PVCVS como agentes da luta e os capacite para a mesma, que autorize uma reescrita e use uma nova liturgia e tenha programas teológicos de acordo com as tendências atuais sobre VIH/SIDA. A produção de materiais para grupos específicos e de fácil manejo para comunidades de fé, precisa ser autorizada pelos conselhos das igrejas. Terceiro,

os líderes e comunidades religiosas, precisam ser capazes de fazer uma análise social e profética, para lidar com VIH/SIDA e quebrar o estigma. Quarto, os professores de teologia são desafiados a serem contextualizados, assim como, socialmente comprometidos, e a trabalharem mais perto do que já fizeram no passado, das PVCVS e das suas comunidades, e produzir literatura relevante para seus estudantes e comunidades. A luta contra VIH/SIDA também exige uma rede internacional e colaboração na produção de treinamento relevante a educação teológica. Por último, “no mundo onde 21 milhões de pessoas morreram de VIH/SIDA, em 21 anos, e 40 milhões estão infestadas, nós [educadores de teologia], temos que perceber que *o nosso chamado mais alto é sermos profetas da vida*” (Dube 2003 a: 43).

VII. Bibliografia

- Dube, M. W., “Preaching to the Converted: Unsettling the Christian Church,” *Ministerial Formation* 93, 2002:38-50
- Dube, M.W., “Theological Challenges: Proclaiming the Fullness of Life in the HIV/AIDS and Global Economic Era,” *International Review of Mission* Vol. XCI363, 2002(535-549).
- Dube, M.W., ed, *HIV/AIDS and the Curriculum: Methods of Integrating HIV/AIDS in Theological Programmes*. Geneva: WCC Publications, 2003a.
- Dube, M.W., ed., *AfricaPraying: A Handbook on HIV/AIDS Sensitive Sermon Guidelines and Liturgy*, Geneva: WCC Publications, 2003b.
- Dube M. W & Musimbi Kanyoro, eds., *Grant Me Justice: HIV and AIDS & Gender Readings of the Bible*. (Forthcoming in Cluster Publications & Orbis, 1994)
- Dube M. W. and Tinyiko Maluleke, eds., *Missionalia* 29 (Número especial sobre HIV e AIDS e Educação teológica) August 2001.
- WCC, *HIV and AIDS Curriculum For Theological Institutions in Africa*. Geneva: WCC Publications, 2001.

Escalada da Ajuda Psicológica e Social em Botsuana

Boipelo Seithlama, Consultor Nacional Associado da IRAPS (Botsuana)

Histórico

Este artigo pretende salientar o trabalho da Iniciativa Regional de Apoio Psicológico e Social (IRAPS) na Botsuana, compartilhar lições aprendidas ao dedicar-nos as necessidades psicológicas e sociais das crianças atingidas pelo VIH/SIDA, e descobrir como este aprendizado pode ser usado para incrementar a participação

de parceiros nacionais que já estão trabalhando com órfãos e crianças em situação de risco (CSR) e questões relacionados, especialmente as organizações de base religiosa (OBRs).

A epidemia de VIH/SIDA te atingido muitas famílias, incluindo tanto os que ganham o sustento como as crianças, na Botsuana. Até o momento, o país tem 40.000 crianças sem pai e mãe, muitos devido ao VIH/SIDA. Um número maior de crianças, vive com os pais, tios, tias, ou outros responsáveis que são doentes crônicos devido a SIDA. Um programa nacional de cuidado dos órfãos tem com a participação e o envolvimento de vários socios incluindo crianças, organizações das comunidades de base (OCBs), organizações não governamentais (ONGs), setor privado, a ONU e agencias doadoras.

Concentrando-se nas necessidades psicológicas e sociais das crianças atingidas pelo VIH/SIDA, a IRAPS recentemente juntou-se a este programa em vista que maiores esforços são necessários para atender as demandas.

A política do governo tem os seguintes objetivos:

- Identificar e registrar todos os órfãos e crianças vulneráveis com a participação das ONGs e das OBRs.
- Rever os programas e as políticas atuais visando cobrir as necessidades das crianças e famílias atingidas pelo VIH/SIDA.
- Apoiar as iniciativas das OBRs financeiramente e tecnicamente, e promover programas que tem sua base nas comunidades e nas famílias.
- Providenciar serviços de assistência social aos órfãos, as crianças vulneráveis, e as pessoas que os cuidam, incluindo, comida, roupa, e uniformes subvencionados assim como transporte e serviços funerários. Serviços legais em questões relacionadas com a guarda de menores, abuso infantil, adoção e disputas sobre herança.
- A criação de uma verba no orçamento nacional para cobrir as despesas com saúde, educação e moradia das crianças empobrecidas (STPA 1999).

A preocupação com o tratamento Psicológico e Social

A proteção e os cuidados com as crianças atingidas pelo VIH/SIDA, requer tanto apoio material quanto emocional. A maioria dos programas, tanto do Governo como das ONGs, enfatizam na assistência concreta como, comida, roupas e atendimento médico, mas não se preocupam com o medo, a ansiedade, a mágoa e a angústia provo-

cados pelo VIH/SIDA. Portanto é importante fortalecer iniciativas direcionadas a promover um apoio psicológico e social. Também é importante trabalhar com diferentes grupos, para que este enfoque seja visto por todos, como outra forma de intervenção.

A Iniciativa Regional de Apoio Psicológico e Social – IRAPS

Esta agência se dedica a trabalhar a nível regional, nacional e local, apoiando esforços que tem uma intervenção psicológica e social, para todas as crianças atingidas. Ela reconhece que as OBRs (Organizações de base religiosa), em Gaborone e Botsuana, em geral, são desafiadas a atender os direitos e necessidades das crianças atingidas pela SIDA, de uma maneira *holística*. Tal tratamento requer:

- **Necessidades físicas:** Coisas materiais, como o direito à alimentação, a moradia e roupas, isto normalmente requer dinheiro. A responsabilidade de atender estas necessidades recai sobre a família, a comunidade e em ultima instancia ao estado.
- **Necessidades emocionais:** Isto envolve o direito a orientação, cuidado e amor, auto-estima, segurança, sentimento de pertencer à algum lugar e de auto-expressão.
- **Necessidades Mentais:** Estas incluem o direito a educação e orientação, os quais são atendidos pelos pais, tutores e o Estado.
- **Necessidades Sociais:** Isto refere ao sentimento de pertencer à algum lugar, fazer amigos, ter laços comunitários, aceitação, identificação e reconhecimento dos colegas, através da interação. Provavelmente, a chave de tudo, é o direito das crianças de brincar.
- **Necessidades Espirituais:** Estas tem a ver com a necessidade da criança de segurança e conforto, através da crença num Ser superior. Esta segurança cria esperança para o futuro, que frequentemente é uma “conexão”, com os que faleceram.

IRAPS e os atuais esforços no Atendimento Psicológico e Social em Botsuana

SAPPSI é um consorcio composto de quatro igrejas: do Nazareno, Exército de Salvação, Católico Romana e Igreja Anglicana de Mogoditshane. O projeto começou em 2001 e é financiado pela UNICEF e a IRAPS. Foi idealizado principalmente com o propósito de:

- Aumentar a consciência referente ao pleno exercício dos direitos das crianças atingidas pela SIDA e CSR (órfãos e crianças em situação de risco) e como atender as suas

necessidades emocionais, físicas, espirituais, mentais e sociais, na região de Gaborone.

- Amplia redes de segurança para crianças atingidas pela SIDA.
- Incrementar a capacidade técnica e institucional das OBRs no atendimento Psicológico e Social, das crianças atingidas pelo VIH/SIDA.

A IRAPS disponibilizou os recursos técnicos e financeiros para o progresso e sucesso total do projeto, até o presente. O foco do APS (Apoio Psicológico e Social), incluiu clubes infantis, acampamentos de sobrevivência, treinamentos de voluntários, e campanhas de divulgação. Crianças e famílias atingidas pelo VIH/SIDA, tiveram uma oportunidade de beneficiar-se diretamente das atividades executadas em cada intervenção, como estão descritas abaixo:

Criação e Implementação de Clubes Infantis

Em cada igreja começou a funcionar um clube infantil semanalmente. Eles deram apoio psicológico e social, através do drama, da música, jogos e histórias, sobre o tema da morte e convivência com VIH/SIDA, abuso infantil e direitos das crianças. Entre 1200 e 2600 crianças foram atendidas anualmente, em cada clube. Jovens facilitadores foram treinados para supervisionar a implementação geral dos eventos.

- *Acampamentos de sobrevivência*

Estes foram desenhados para equipar crianças em situação de risco, com habilidades que seus pais pudessem passar, caso estes estivessem vivos, ou não tão doentes, que tivessem como fazê-lo. Os acampamentos acontecem durante as férias, para atrair, tanto os que vão à escola, como os que não vão. Nos últimos dois anos, mais de 650 crianças participaram. As atividades são: trabalho em equipe, aconselhamento individual e em grupo, discussão sobre VIH/SIDA, higiene pessoal, abuso infantil, assistência no que diz respeito a mágoa e luto e aconselhamento sobre perda.

- *Treinamento de voluntários*

O projeto, até o momento, desenvolveu um grupo comum de 90 voluntários treinados, os quais respaldam a implementação geral do programa de Apoio Psicológico e Social, através de suas respectivas igrejas. Eles fazem visitas domiciliares, acompanhamentos de famílias chefiadas por crianças, e estão envolvidas nas campanhas de divulgação. Também faz parte da tarefa deles o apoio as famílias. Manter contato com atendentes, tutores e pais para monitorar o impacto dos clubes

infantis, nas vidas das crianças. Esta interação da retorno positivo, nos casos de atendentes que apoiam os clubes infantis, e encorajam as crianças a participar. O voluntários fazem muito, no sentido de mobilizar e educar a comunidade, a desempenhar um papel visível no atendimento das necessidades psicológicas e sociais das crianças em situação de risco (CSR).

- *Campanhas de divulgação*

Este é o ponto crucial nos programas de atendimento psicológico e social. Estas campanhas ajudam a sensibilizar a comunidade, no que se refere as necessidades emocionais, espirituais, mentais e sociais, das crianças atingidas pelo VIH/SIDA. Shows ao ar livre, com mais de 3000 adultos, crianças e jovens, ajudaram a elevar a conscientização sobre os passos e atividades práticas, que as igrejas podem realizar para proteger os CSRs. Os shows são muito interessantes para jovens e idosos. Eles usam música, drama, poemas e jogos, para comunicar as mensagens sobre a importância crucial do cuidado e proteção, de uma forma contextualizada e amigável às crianças.

- *Parcerias estratégicas*

As parcerias da IRAPS incluem o governo, a UNICEF, BOCAIP, a reserva da fauna Mokolodi e “Buraco na Parede” (Hole in the Wall). O Departamento de Serviços Sociais do governo recebe iniciativas estratégicas, que complementam os programas nacionais de aconselhamento infantil. A UNICEF tem providenciado os subsídios financeiros. BOCAIP (a OBR com a maior infraestrutura nacional) facilitou a extensão do atendimento às comunidades mais atingidas. A reserva de fauna Makolodi ofereceu as suas instalações, a um custo subsidiado para a realização dos acampamentos de sobrevivência. Para coroar este esforço conjunto, Hole in The Wall também se comprometeu a financiar, parcialmente, os eventos de acampamento.

Desafios

As OBRs tem um papel crucial, no atendimento das necessidades de famílias atingidas pelo VIH/SIDA, especialmente as suas crianças. Ao mesmo tempo, o envolvimento delas é limitado. Algumas das razões são:

- Capacidade técnica e financeira insuficientes para estabelecer projetos com CSRs.
- A maioria das igrejas ainda são expectadoras, e tem uma contribuição muito pequena, nas atividades de aconselhamento infantil.
- As iniciativas existentes estão, maiormente, nas cidades e vilas; no entanto é nas aldeias

onde as crianças vivem e requerem assistência.

- A falta de estrutura das igrejas para um atendimento coordenado das CSRs, dificulta a avaliação das ORBs e de outros também.

Escalada do APS (Apoio Psicológico e Social)

Atualmente, a capacidade dos programas das igrejas, no atendimento psicológico e social, apoiados pelo IRAPS, fornecem uma base sólida, para a expansão destas atividades e outras relacionadas. O solo está arado, a plataforma está preparada, e as igrejas, na Botsuana, estão ansiosas para participarem, é só terem a orientação coletiva certa. Algumas opções estratégicas são:

- **Expansão das parcerias com as OBRs**

O governo da Botsuana reconhece as OBRs, como parceiros cruciais, na luta contra VIH/SIDA. Baseado na experiência do SAPSSI, a maioria das igrejas poderiam ser dirigidas à implementar intervenções de APS. A participação ativa das igrejas, poderia ser obtida através da Associação Evangélica da Botsuana. Clubes infantis, assim como acampamentos de sobrevivência e programas de treinamento de voluntários, poderia alcançar as crianças pelo país afora, onde existissem igrejas estruturadas.

- **Trabalho em rede e cooperação**

Com a intervenção psicológica e social, estabelecida como prioridade pelo governo, tem havido uma mudança na ênfase dos programas com CSRs, dando mais atenção às necessidades emocionais das crianças. Trabalhando sobre as estruturas existentes, a IRAPS poderia ajudar a promover um intercâmbio de conhecimentos e trocar experiências. Isso ajudaria outras OBRs a ganhar a confiança necessária para implantar o tratamento APS, baseado nas igrejas. Assim, cresceria a colaboração coletiva entre as OBRs, o governo e outros participantes, e a rede de cuidados, a nível familiar, se ampliaria.

- **Capacidade de recursos de base**

Capacidades técnica, financeira e organizacional inadequadas, freqüentemente impedem que muitas OBRs executem programas com CSR, que atendam a magnitude do impacto psicológico do VIH/SIDA, sobre as crianças. Conexões com o governo, agências da ONU, e grupos de doadores internacionais, são necessários. Com isto em mente, a IRAPS poderia expandir as iniciativas de cuidados psicológico e social, lideradas pelas comunidades e baseadas nas igrejas, sem criar dependência da assistência externa.

- **Participação das crianças e adolescentes**

A Associação Evangélica da Botsuana, tem fóruns de crianças e adolescentes, que poderiam realizar intervenções na linha da APS. Os líderes das igrejas estão dispostos a receber orientação técnica e apoio, na maneira de realizar intervenções da igreja, baseadas no APS e dirigidas às crianças, lideradas por crianças e conscientes do problema HIV.

- **Coordenação e monitoramento**

Na expansão e multiplicação do APS, algumas lições devem ser aprendidas, das atividades em favor das crianças, bem coordenadas e monitoradas.

Através do gerenciamento nacional SAPSSI, os funcionários da IRAPS são: o Gerente de Projeto, Contador do Projeto, Coordenadores de OBRs, e uma Secretária Administrativa, todos baseados em Gaborone, Botsuana. Além disso, existe um Conselho de Diretores, formado por membros das quatro igrejas participantes. Estes são responsáveis por manter o projeto em andamento, de acordo com as metas do APS, previamente combinadas. O Ministro do Governo Local e o Departamento de Serviço Social, também estão envolvidos.

VIH/SIDA em pauta na Assembléia Geral da Conferência Pan- Africana de Igrejas (AACC)

Reportagem do Dr. Christoph Mann

O Dr. Christoph Mann é o gerente de projetos da Iniciativa Ecumênica VIH/SIDA na África (EHAIA))

A Assembléia Geral, o mais alto corpo deliberativo da AACC, que só se reúne a cada seis anos, reuniu-se em Yaounde, Camarões, de 22 à 27 de novembro de 2003. Apesar de ter na pauta assuntos muito importantes tais como: a renovação da visão, da missão e da constituição da AACC, um dia inteiro foi dedicado a VIH/SIDA. A EHAIA teve grande envolvimento na programação, conforme planejado pela AACC. Os coordenadores regionais convidaram pessoas colaboradoras de todas as partes da África, a maioria deles VIH soro-positivo, assim que, diariamente, houveram contribuições de pessoas que tem uma convivência aberta e positiva com o VIH, em cada um dos quinze grupos de estudos bíblicos. EHAIA teve uma tenda expositora sobre VIH/SIDA, onde tivemos muito bons contatos com delegados; cada um deles recebeu um kit com publicações novas e antigas para sua igreja. Sam Kobia, ainda como secretário geral eleito do Concílio Mundial de Igrejas (CMI), apresentou

numa sessão do plenário, quatro novas publicações da EHAIA (*veja abaixo*). Houve também um plantão para fazer o teste VCT, onde os delegados da Assembléia que não soubessem sua condição, poderiam chegar para fazer o teste e ter aconselhamento gratuitos.

Na manhã do dia dedicado a VIH/SIDA, a celebração foi tocante, não somente pelo fato da liturgia alusiva ao VIH e das mensagens de vida e esperança, mas pelos palestrantes, inclusive soropositivo do clero, e um jovem que falou abertamente da sua condição pela primeira vez. Os oradores principais e os que presidiram o grupo da tarde e as sessões plenárias, eram membros do Grupo de Referência da EHAIA, funcionários: Arcebispo Nzimbi, Edouard Yao, Gideon Byamugisha, Musa Dube, Sue Parry, Jacinta Maingi; ou pessoas convidadas a participar pela EHAIA. A FEMEC (o concílio nacional de igrejas do Camarões), não só ajudou enormemente a EHAIA na logística, mas também foi a anfitriã do evento que culminou o dia: uma marcha a luz de velas pelo centro de Yaounde e a proclamação de um Pacto-Documento sobre VIH/SIDA no auditório da FEMEC. Tendo Musa Dube como mestre de cerimônia, uma leitura solene da introdução e dos dez artigos do Pacto, foi oferecida aos sub-grupos: clero VIH soropositivo, outras pessoas soropositivo, jovens, mulheres, pessoas de língua francesa e de língua inglesa.

Todos concordaram que o dia transcorreu muito bem. Muitos disseram que foi o dia mais impressionante e melhor organizado da assembléia. De fato, muitos participantes admitiram que nunca viram, e muito menos falaram com gente VIH soropositivo que falasse abertamente da sua condição. Outros vieram de igrejas onde estigmatizar e excluir é a regra, e ficaram felizes de escutar mensagens de vida e esperança. Uns poucos discordaram abertamente com o Pacto e com os esforços para tornar-se uma igreja hospitaleira.

Onde estão todos os grandes projetos sociais da igreja?

Ponto de vista de Christoph E. Mann

Ninguém pode negar que a VIH/SIDA existe dentro da igreja também, e se não existisse, ainda assim a igreja teria que reagir perante o sofrimento no mundo. No entanto, só alguns projetos de qualidade, a altura dos desafios, são apresentados a grandes financiadores pela igreja. Porque?

É porque ninguém está dando dinheiro para este fim? De jeito nenhum! Existem bilhões de dólares disponíveis para prevenção e tratamento da VIH/SIDA, e para atender as conseqüências desta epidemia. Algumas das maiores fontes de recursos são: O Fundo Global, o MAP do Banco Mundial, e a USAID dos EEUU. Existem também numerosos doadores medianos: fundações, agências governamentais e ONGs, os quais ainda são muito grandes, comparados com os doadores tradicionais na igreja. Por exemplo, o Fundo Global acaba de aprovar a sua terceira rodada de projetos no valor de 600 milhões de dólares. Pelo menos a mesma quantia será aprovada ainda este ano. (A data limite para requerimento é 5 de abril; quantas igrejas estão preparando seus pedidos?)

É porque os doadores não querem dar dinheiro as igrejas? O oposto é a verdade! Eles procuram a cooperação de organizações de base religiosa porque eles sabem que, em muitos lugares, as igrejas tem maior facilidade de alcançar as pessoas da periferia e do interior. Na minha opinião, não é coincidência que um teólogo protestante e médico foi nomeado recentemente diretor de Relações Externas do Fundo Global.

É porque as igrejas acham que não tem capacidade de tocar grandes projetos ? Talvez, mas na verdade alguns pequenos e médios doadores até oferecem treinamento nas áreas de planejamento e gerenciamento. De uma maneira muito descentralizada, as igrejas já lidam com muitos recursos humanos e financeiros, especialmente no campo da saúde e ação social. Alguns exemplos mostram como as organizações eclesásticas podem chegar a ser agentes profissionais significativos em nível nacional. Por exemplo: A Associação Cristã para a Saúde da Zâmbia, tornou-se o maior receptor de dinheiro do Fundo Global do país, o que significa que recebe quantias consideráveis para o seu próprio uso e para outros membros do sistema de coordenação nacional. E não somente isso, a CHAZ (Christian Health Association of Zambia) tem sido visitada e elogiada pelas autoridades internacionais, no último Dia Mundial da AIDS, pelo seu trabalho de alto padrão.

Então, porque não temos centenas de projetos nacionais para combater o VIH, sejam estes confessionais, ecumênicos ou inter-religiosos? Afinal, as igrejas não são particularmente adequadas para isto?

- **É porque as igrejas tem medo das pessoas com VIH soropositivo?**

- **É porque as igrejas os estigmatizam moralmente?**
- **É porque as igrejas tem vergonha de falar de sexo, este dom de Deus criador de vida?**
- **É porque as igrejas não podem encarar a verdade para a qual o Evangelho as libertou?**
- **É porque isto significaria muita perda de poder dos líderes da igreja, caso um diretor profissional de projetos administrasse (e ganhasse), mais dinheiro que o bispo?**

Será que estou completamente errado?

Então, onde estão todos os grandes projetos para ajudar: os hospitais cristãos que estão doentes, a juventude que procura orientação, as mulheres isoladas e estigmatizadas que cuidam dos doentes, os órfãos e as crianças empobrecidas que resultam do VIH? Eu posso ver só uns poucos, eles trazem esperança, mas são só umas gotas no oceano da epidemia.

